These

Faculdade de Medicina da Bahia

THESE

APRESENTADA

Á

FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA

Em 31 de Outubro de 1908

PARA SER DEFENDIDA POR

Elysio Pinto de Almeida Castro

NATURAL DO ESTADO DA BAHIA

AFIM DE OBTER O GRÁO

DE

DOUTOR EM MEDICINA

DISSERTAÇÃO

Ligeiras considerações sobre o determinismo

CADEIRA DE PSYCHIATRIA

PROPOSIÇÕES

Tres sobre cada uma das cadeiras do curso de sciencias medicas e cirurgicas

BAHIA

1908

FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA

Director—Dr. AUGUSTO C. VIANNA
Vice-Director—Dr. MANOEL JOSE' DE ARAUJO

LENTES CATHEDRATICOS

OS DRS.	MATERIAS QUE LECCIONAM
1.ª SECÇÃO	
Carneiro de Campos	Anatomia descriptiva.
Carlos Freitas	Anatomia medico-cirurgica.
2.ª	
Antonio Pacifico Pereira	Histologia.
Augusto C. Vianna	Bactereologia.
Guilherme Pereira Rebello	Anatomia e Physiologia pathologicas.
3.ª	
Manoel José de Araujo	Physiologia.
José Eduardo F. de Carvalho Filho	Therapeutica.
4.ª	
Luiz Anselmo da Fonseca	Hygiene.
Josino Correia Cotias	Medicina legal e Toxicologia.
5.ª	
Braz Hermenegildo do Amaral	Pathologia cirurgica
Fortunato Augusto da Silva Junior	Operações e apparelhos.
Antonio Pacheco Mendes	Clinica cirurgica 1.ª cadeira.
Ignacio Monteiro de Almeida Gouveia	Clinica cirurgica 2.ª cadeira.
6.ª	
Aurelio R Vianna	Pathologia medica.
Alfredo Britto	Clinica Propedeutica.
Anisio Circundes de Carvalho	Clinica Medica 1.ª cadeira
Francisco Braulio Pereira	Clinica Medica 2.ª cadeira
7.ª	
A. Victorio de Araujo Falcão	Materia medica, Pharmacologia Arte de Formular
José Rodrigues da Costa Dorea	Historia natural medica.
José Olympio de Azevedo	Chimica Medica.
8.ª	
Deocleciano Ramos	Obstetricia.
Climerio Cardoso de Oliveira	Clinica obstetrica e gynecologica.
9.ª	
Frederico de Castro Rebello	Clinica pediatrica.
10.ª	
Francisco dos Santos Pereira	Clinica ophtalmologica.
11.ª	
Alexandre E. de Castro Cerqueira	Clinica dermatologica e syphiligraphica.
12.ª	
Luiz Pinto de Carvalho	Clinica psychiatrica e de molestias nervosas.
João E. de Castro Cerqueira	Em disponibilidade.
Sebastião Cardoso	

LENTES SUBSTITUTOS

OS DOUTORES

José Affonso de Carvalho	1.ª	Pedro da Luz Carrascosa e	
Gonçalo Moniz Sodré de Aragão	(2.ª	J. J. de Calasans	7.ª
Julio Sergio Palma	(	J. Adeodato de Souza	8.ª
Pedro Luiz Celestino	3.ª	Alfredo Ferreira de Magalhães	9.ª
Oscar Freire de Carvalho	4.ª	Clodoaldo de Andrade	10.
Antonino B. dos Anjos	5.ª	Albino Leitão	11.
João Americo Garcez Froes	6.ª	Mario Leal	12.

Secretario—Dr. MENANDRO DOS REIS MEIRELLES
Sub-Secretario Dr. MATHEUS VAZ DE OLIVEIRA

A Faculdade não approva nem reprova as opiniões exaradas nas theses pelos seus auctores

« A sciencia não é idealista, nem espiritualista, nem materialista, mas simplesmente natural; ella procura determinar os factos e suas connexões racionaes, sem inclinar-se, a priori, deante de um systema, nesta ou naquella direcção. »

BÜCHNER.

« A sciencia não conhece inclinações e aversões: seu unico fim é a verdade. »

GROVE.

« Os deuses e os dogmas não perecem num dia. »

LE BON.

« O homem moderno perdeu suas velhas crenças, e, agora, pede á sciencia novas doutrinas para a orientação de seus pensamentos. »

LE BON.

« O espirito humano não é absoluto, não é infinito, e, para encontrar a verdade, necessita trabalhar, porque a verdade é o premio do trabalho. »

CASTELLAR.

Proemio

Vae, minha these...

Espera-te, anciosa, a valla commum dos papeis esquecidos, entre as velharias inuteis, ninho fecundo de insectos e ratos.

Consola-te; outras irão comtigo.

Vae, minha these. Bôa viagm.

Alea jacta est

Trabalhoso combate. Tenho receio, aliás bem justo, de que não resistam as minhas armas ao forte embate de tão grande luta. A arena é escabrosa, e nella se esforçam varios contendores, em prol de opiniões contradictorias.

O assumpto é difficil, cheio de perigos.

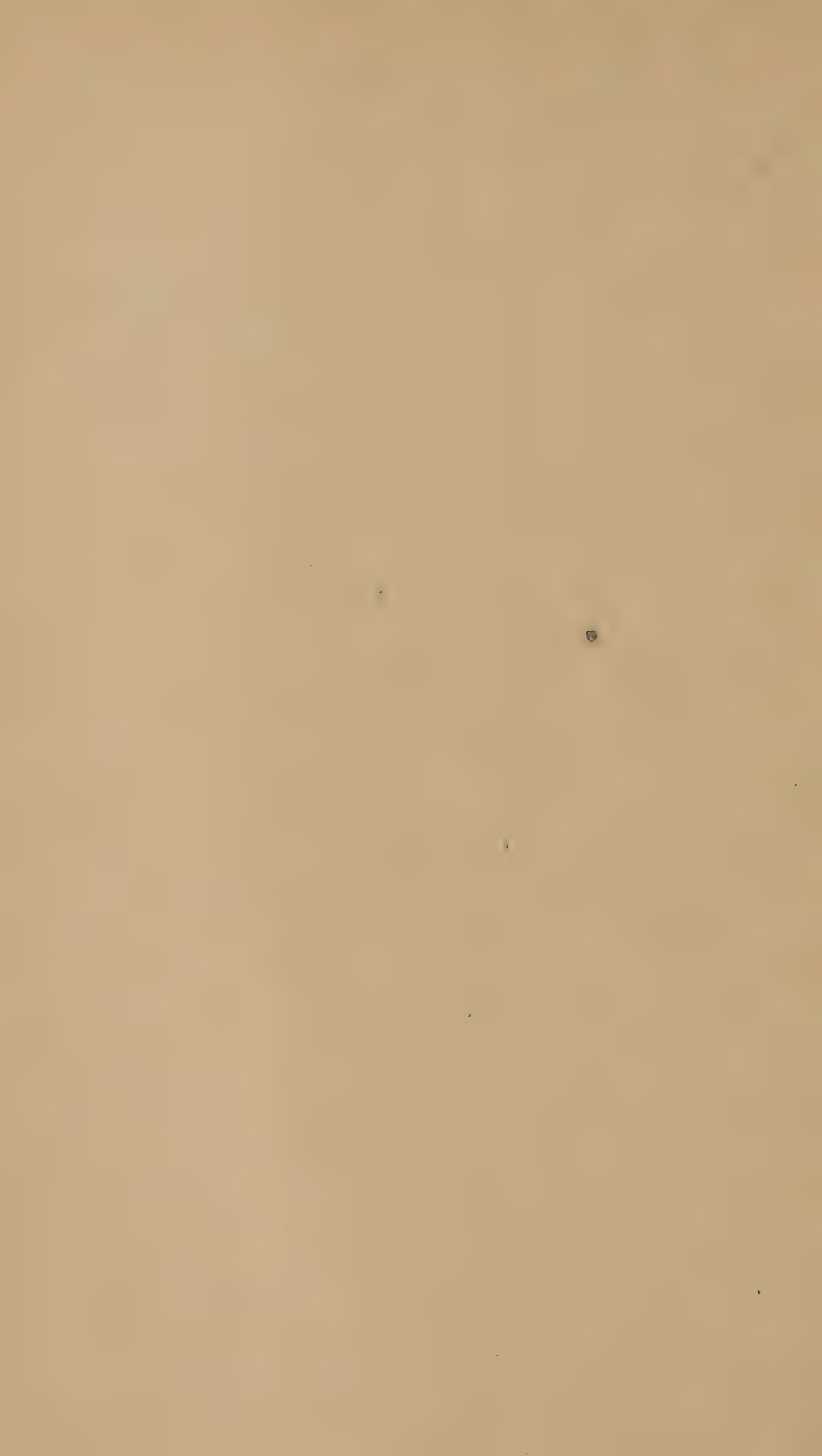
Combaterei humildemente. Noviciado em tal questão, desafeito ás lutas, procurarei pensar tanto quanto me permitta o fraco entendimento.

Que me guie, nas trévas de tão grande labyrintho, a luz, embora vacillante, do meu apoucado saber. Apezar de fraca, estou certo me não deixará em completa escuridade.

Direi o que penso; nem se fará mister encobri-lo.

DISSERTAÇÃO

Ligeiras considerações sobre o determinismo

CADEIRA DE PSYCHIATRIA

INTRODUCÇÃO

MORREM as crenças, vacillam os dogmas. Deante da luz poderosa da sciencia, recúam espavoridas as velhas doutrinas.

Derruido o vetusto monumento, que a fé sustentava, sobre as suas ruinas levanta-se o solido edificio da sciencia moderna.

Tombam com fragôr as columnas das chimeras e illusões do passado.

Na treva das falsas concepções penetra a luz devassadora da experimentação.

A fé era um empecilho no caminho complicado da verdade; sua suppressão foi uma imperiosa necessidade.

A fé crê, a sciencia investiga.

A primeira acceita o mysterio, a segunda busca desvenda-lo.

«Uma tendencia natural ao homem, diz Réclus, é a de contemplar-se como um sèr, absolutamente estranho, no conjuncto do universo.»

O deus recem-creado era immortal, como elle tambem o era, pois tinha em si o principio eterno. Por isso, quando viu seu similhante, victima infallivel da lethalidade, sem luz os olhos, sem calor o corpo, rigida e sem movimento aquella excepcional compleição, se lhe afigurou apparente aquelle espantoso facto.

Então lhe veio ao espirito a idéa de que aquelle corpo era o simples e mortal involucro de alguma cousa que dali fugira, rompendo os laços da materia vil.

Era a alma, eterna, fluidica, deixando a morada terrena em busca dos céos azulinos, dos páramos ideaes.

Era o abandono da mundana vida, em troca da peregrinação pela mansão dos justos, onde ia gozar, na pureza de sua immortalidade, interminaveis delicias.

Na edade media, epoca de sombras e de crimes, de bruxarias e torpezas, o fanatismo religioso imperou asphyxiante e desmoralisador; o mundo era a arena, extensissima, onde os espiritos do bem travavam luta franca e terrivel com os espiritos do mal.

Era a consciencia abafada pela fé e pelos temores. Era o mysticismo doentio, enervante; a comtemplação extatica do azul, mansão desejada, deliciosa mansão; eram os cilicios crueis, o castigo da carne, vertendo o sangue impuro, causa das miserias humanas.

Era preciso enfraquecer o corpo, para fortalecer a alma.

«Deixae as riquezas da terra, as miserias da terrena vida.

«Levantae os olhos para o alto, á verdadeira e eterna morada.»

Desta epoca terrivel, somente se ouve o echo das disputas theologicas e do semi-obscurantismo da philosophia.

Em tempos menos remotos, Luthero, o grande reformador, dizia (hoje ha quem diga o mesmo) que « não daria um segundo de estada no céo por todos os bens e alegrias da terra, embora durassem milhares e milhares de annos.»

Hoje, porém, o homem, intellectualmente desinvolvido, alliando o resultado de sua experiencia ao esforço dos seus antepassados para a comprehensão da existencia, pensa differentemente.

Os deuses morreram, tombaram os idolos, cairam os dogmas. O Olympo, despovoado, tremeu, e cahiu no abysmo das concepções falsas.

Por sua vez, a mansão celeste é devastada; os anjos correm, a crença vacilla.

A luz da sciencia espanca as trevas do abysmo, e interroga o mysterio do céo.

O homem, que pensa, e estuda, sabe que é producto da natureza, e que no seu organismo não ha uma cellula divina.

Verdade é que alguns se julgam mais que animaes,

e se revoltam com a idéa de que possam ser descendentes de um macaco.

Um escriptor francez diz, referindo-se a isto: «E' preferivel ser um macaco aperfeiçoado a um Adão degenerado.»

Os que se julgam divinos não conseguirão tolher aquelles que lutam pelo conhecimento da verdade.

Em todos os tempos, homens laboriosos, sem temor nem prejuizo, têm procurado a investigação dos *enigmas do universo*.

O Timor Domini, as torturas infligidas, a inquisição, e quejandos absurdos, não conseguiram impressionar a fortaleza do animo, enfraquecer a fibra resistente de similhantes lutadores.

Elles vão em busca da verdade.

CAPITULO I

Ligeiro historico da opinião da philosophia antiga sobre a liberdade moral

A religião é a origem das idéas moraes.

Ella tem sido, até hoje, a dominadora de todas as sociedades. Na historia da sciencia, não se póde negar a sua influencia poderosa.

No paganismo é que se origina o tradicionalismo philosophico. Ahi é que começam as theorias sobre o poder do homem e a presciencia divina. O homem, na pratica do bem, é uma simples dependencia de Zeus, senhor absoluto do céo. As boas acções são uma graça do poderoso deus.

Só havia liberdade para o mal. De maneira que a religião hellenica, como a christã, deixou ao homem o unico privilegio da liberdade do mal. «Nessa universal harmonia, o homem só pode produzir dissonancias, e até estas são talvez artificios do artista divino, para melhor fazer sentir o concerto.» (Fonsegrive).

As idéas philosophicas nasceram, e, pouco e pouco, tomaram um certo desinvolvimento.

Os primeiros pensadores explicavam, por uma necessidade rigorosa, todos os phenomenos da vida, e tambem as acções humanas. Era a doutrina de Heraclito, e outros. Tudo dependia de causas naturaes.

Socrates, o fundador da sciencia moral, queria resolver o problema do universo pela finalidade. O fim era a verdadeira causa. O philosopho explicava o mundo pelo pensamento.

A utilidade das cousas era a determinante do sêr humano. Se este praticava o mal, era pela ignorancia do bem. A virtude era o idéal, o intellectualismo, a base da theoria socratica.

Platão, o querido discipulo de Socrates, o mestre de Aristoteles, aclarou e desinvolveu estas idéas.

Suas doutrinas, que têm grande similhança com as christãs, são a mais bella expressão do idéal.

A idéa do bem era a Idéa, principio da virtude e da luz.

A intelligencia considerava, a utilidade determinava.

Quando aquella julgava util uma acção, submettia-se a vontade.

A razão era a grande directora da alma.

O conhecimento do bem era o determinante absoluto.

Os ignorantes, porem, desconhecendo o bem, na impossibilidade de aspiral-o, praticavam o mal.

O poder de escolha era o privilegio de uma classe intermediaria.

Esta qualidade, segundo o philosopho, era potencia e fraqueza.

Potencia, porque era a expressão do livre arbitrio.

Fraqueza, comparativamente aos sabios, que a idéa do bem determinava.

O livre arbitrio, dizia-o um defeito, visto o homem poder escolher o bem e o mal.

Aristoteles, que personifica talvez o espirito philosophico antigo, deu uma influencia maior ao indeterminismo.

O homem tinha o poder de escolha, sendo esta o resultado da reflexão. Aquella somente se exercia sobre as acções, physica e racionalmente possiveis. O homem adulto gozava do privilegio da contingencia.

Aristoteles, contrariamente a Socrates, pensava que o homem podia, em pleno conhecimento do bem e do mal, praticarl-os livremente. Todavia reconhecia a attração do bem.

Admittia, embora negando o livre arbitrio absoluto, um indeterminismo relativo.

Epicuro, o celebre philosopho, fez uma verdadeira revolução doutrinaria.

O prazer era o bem soberano. Morta a dôr, o prazer seria eterno.

As dôres do corpo, julgava-as passageiras, as da alma, aniquiladoras.

O temor da morte e dos deuses, um martyrio da humanidade.

A quéda dos deuses, assim como a descrença na immortalidade da alma, era o sustentaculo de suas idéas.

Recorreu ao *systema physico* de Democrito, que ria da loucura humana, causa das lagrimas de Heraclito.

Esse systema negava a existencia dos deuses.

Havia uma parte prejudicial ás theorias de Epicuro, pois que Democrito acreditava na existencia de uma necessidade directora do mundo.

Querendo evitar um novo temor, proporcionado por este modo de pensar, substituiu esta força inexoravel por uma creação hypothetica.

Ideou, para aplanar difficuldades, a theoria dos *clinames*, segundo a qual, os atomos se desviavam insensivelmente.

O indeterminismo universal era o fundamento de suas idéas. Pouco se lhe dava a base mentirosa e anti-scientifica, comtanto-que bem se amoldasse ás exigencias dos seus principios moraes.

Firmado na liberdade do atomo, sustentava a independencia do homem.

Era um indeterminismo inintelligente, considerando que o atomo se desviava casualmente. O atomo livre, o homem era livre.

Os effeitos dessa doutrina foram extraordinarios. Livrou

os individuos do *timor deorum*, e do jugo avassallador das superstições.

O philosopho pregava o prazer, mas não o prazer exclusivo dos sentidos.

« E', diz Fénelon, por uma falsa interpretação, que se tem julgado devasso um homem de uma continencia exemplar. »

A palavra «epicurista» designa, infelizmente, o individuo entregue aos prazeres da carne.

Horacio, escarnecendo do rigorismo dos estoicos, dizia: *Epicuri de grege porcum.*

Estoiscismo.—Os adeptos desta escola eram fervorosos adversarios dos epicuristas. Pensavam que o acaso não existia, pois que não ha effeito sem causa.

Os principios da physica deviam determinar os principios da moral. A providencia estava contida na natureza; desta se originavam o bem, a bondade, e outras virtudes. Deante dos seus designios, o acaso não passava de uma illusão. Necessidade e contigencia; eis tudo.

Só o sabio era livre, porque sabia que todo o acontecimento era bom, e elle o desejava. Maior que um Deus, porque se tornava livre.

Dizia Seneca: Liber autem est, qui servitutem effugit.

Assim pensavam os estoicos, que tinham preoccupações scientificas. Mais tarde, os discipulos do Portico deram ao homem uma independencia relativa.

Epicteto distinguia as cousas que dependem do homem e as que não dependem. A saúde, a riqueza, e a molestia, fazem parte do segundo grupo ; a opinião, o desejo, a volição, pertencem ao primeiro.

Chrysippo não admittia o acaso, e acreditava no destino. Possidonio, mestre de Cicero, assim pensava.

São delle estas palavras:

«Em vão me fazes soffrer, dôr! Jamais confessarei que ês um mal!»

Escola metaphysica.—Esta quiz conciliar a razão e o livre arbitrio.

Plotino pensava que a providencia era a organisadora do mundo.

Tudo, na sua opinião, tinha uma causa determinante.

O homem, porem, possuia uma independencia relativa,

Assim é que o bem e o mal lhe eram livremente praticaveis.

Christianismo.—Esta religião fez uma verdadeira revolução no seio da antiga philosophia.

Declarava a existencia de um deus, unico e verdadeiro, senhor absoluto de todas as cousas. O mundo era distincto do seu principio: o Poder supremo. Os deuses perderam o prestigio deante de um ente, incommensuravelmente bom, grandemente justo. A doutrina christã lutou francamente com o polytheismo religioso e o atheismo philosophico. Completou e desinvolveu o Mosaismo.

Os seus golpes foram dirigidos contra o paganismo e a escola do Pontico.

Ao homem é indispensavel o auxilio divino para o cumprimento das boas acções. Deus é quem faz triumphar a idéa do bem.

Para que o homem obtenha esta graça, é preciso que se approxime do Ente Supremo. S. Jacques dizia: *Appropinquate Deo, et appropinquabit vobis.*

O homem, por seu esforço unico, não se pode salvar, e é Christo quem o diz: *Apud homines hoc impossibile est: apud Deum autem omnia possibilia sunt.*

A pratica do bem exige a graça divina e a cooperação humana.

Admittir o destino é negar a liberdade humana, e fornecer desculpas ao mal.

Estas idéas embora abaladas, subsistem ainda. O christianismo tem dominado quase todas as civilisações.

Seria a melhor e mais bella escola de moral, se não fosse o descredito em que o lançaram muitos dos seus representantes.

São Paulo declara-se determinista absoluto: « Quando eu faço o mal, não sou eu quem o faz, é o peccado que em mim habita; quando eu faço o bem, não sou eu quem o faz, é a graça de Deus quem age em mim. »

S. Agostinho, o mais celebre doutor da igreja, é o auctor do tratrado do *Livre Arbitrio.*

No fim de sua vida, defendendo o favor divino, atacado pelo heresiarcha bretão Pelagio, escreveu o tratado da *Graça.*

O bretão dizia que o livre arbitrio «é a possibilidade de peccar ou não.» O bispo de Hyppona declarava que esta liberdade é insignificante; a verdadeira liberdade *(libertas major)* consistia na impossibilidade de commetter o peccado. Antes da falta original, o homem podia decidir-se pelo bem ou pelo mal. Acreditava no determinismo providencial.

Os outros doutores da igreja seguiram as mesmas doutrinas.

A idéa do livre arbitrio domina, ainda, na orthodoxia catholica.

No seculo XIV, houve um movimento determinista, explicando tudo pela necessidade.

Mais tarde, Luthero, reformador religioso, bateu-se energicamente contra o livre arbitrio, que considerava um *titulus sine re.* Deus dirige tudo.

Erasmo, de Rotterdam, contestou esta opinião, dizendo não haver incompatibilidade entre o livre arbitrio e a presciencia divina.

Em sua obra *De Servo Arbitrio*, em resposta a Erasmo, o monge reformador desce ao insulto: *Spiras grandem Epicuri crapulam.*

Mais rigoroso que os escolasticos, nega a liberdade,

quer para o bem, quer para o mal. A consciencia da volição é o unico privilegio do homem.

Calvino descrê do livre arbitro, e affirma a existencia de um Deus independente de toda necessidade, perfeitamente sabio, eternamente bom. E' a causa primeira. A sua vontade determina o sêr humano.

Luthero diz que Deus é infallivel; duvida e ataca a infallibilidade do papa. Satan domina o individuo, quando o abandona a graça divina.

O concilio de Trento foi uma reacção. Os catholicos confirmaram as velhas doutrinas, pregando a verdade da liberdade moral. Dogmaticamente affirmaram a harmonia do poder divino com a independencia volitiva.

Outra doutrina revolucionaria foi a de Jansenio. O theologo hollandez supprimiu o livre arbitrio. A graça determina o homem, que absolútamente lhe não póde resistir. O auxilio de Christo determina o individuo. *Adjutorium Christi determinat, ac prædeterminat etiam physice voluntatem, ut velit et ardentius velit.*

A doutrina jansenista tem relações com o determinismo de Calvino. Foram os seus adeptos que, em 1727, foram appelidados *convulsionarios.*

Eis ahi um rapido resumo da opinião da antiga philosophia e da religião christã sobre a liberdade volitiva.

Os seus effeitos chegaram até nós. As suas idéas ainda vivem. Abaladas embora, resistem.

CAPITULO II

> La science n'a pas encore allumé les flambeaux capables de illuminer les ténèbres qui enveloppent notre passé et voilent l'avenir. Elle peut cependant projeter quelques lueurs dans cette nuit profonde.
>
> LE BON.

> Homo sum, et nihil humani a me alienum puto
>
> TERENCIO.

O homem não descança, e á divisa pessimista «*Ignorabimus*» de Reymond prefere a palavra animadora de Fouillée: «*Sperabimus.*»

A sciencia experimental ganha terreno, batalhando em prol do determinismo, ao passo que os defensores do livre arbitrio se debatem no ambiente rarefeito do classicismo tradicional.

A logomachia destes ultimos nada prova, nada adianta, tacteando sempre nas nebulosidades da metaphysica. Suas fileiras rarêam, augmentam os claros, emquanto que avulta consideravelmente o numero dos deterministas.

Estes, espiritos fortes, denodados, avidos da luz da verdade, que orienta e consola, sem temerem as escabrosidades do caminho, trabalham, esperançados, na decifração

do lemma que tem sido a mira de todas as philosophias, a ancia de gerações innumeras: *Nosce te ipsum.*

Intelligencias robustas, destemidos lutadores, que se lançam na verêda das investigações, desprezando o fogo-fatuo das illusões, differentemente daquelles que, vivendo em commodidade ociosa, se aquartelam na hypocrisia de mentirosas crenças.

Esses, não os discutirei. Occupar-me-ei dos campiões, que, na arena luminosa da sciencia, quebram lanças pelo conhecimento da verdade.

Que me não falleçam as forças ao enfrentar a grandiosidade da questão.

Passo a tratar do assumpto, começando pela definição da liberdade volitiva.

«Nós chamamos livre arbitrio, diz Fonsegrive, o poder, em virtude do qual o homem escolhe entre duas acções contrarias, sem ser determinado pela necessidade.»

Toda acção é, segundo a opinião classica, indeterminada, e simples resultado de uma deliberação indifferente; é a theoria da volição espontanea.

A acção livre deve ter três caractéres essenciaes: *contingencia, espontaneidade, intelligencia.*

A these classica é: o *homem é livre;* a determinista: o *homem é determinado.*

A doutrina livre-arbitrista admitte, no mundo, um

poder inteiramente estranho e independente das leis naturaes.

Seria « um effeito sem causa « como diz Schopenhauer, O acto seria espontaneo, indeterminado.

Ora, no dia em que seja indicado um effeito sem causa, este acontecimento será o raio que hade ferir, destruindo, o bem architectado edificio da sciencia. O resultado será a anarchia.

Felizmente, porém, a idéa da liberdade moral não resiste aos factos experimentaes e á uma rigorosa observação introspectiva.

A phraseologia dos adeptos desta escola faz lembrar a locução latina: *Non liquet.*

O barão de Montesquieu, um dos precursores da Revolução, autor do « Espiritos das leis » dizia, falando da liberdade, que não havia « palavra que tenha recebido mais variadas significações, e que tenha impressionado tão diversamente os espiritos ».

E' uma palavra admiravelmente elastica, um bom elemento de exploração politica.

Schopenhauer define a liberdade « a ausencia de todo o impedimento e de todo obstaculo». Pode ser considerada sob aspectos diversos, sendo os mais interessantes : « a liberdade physica, a liberdade intellectual, e a liberdade moral. »

A primeira é applicavel, segundo elle, ás pessoas e aos animaes.

Diz que « se entende pela palavra *livre* a qualidade de todo sêr que se move por sua unica vontade ».

« Nesta accepção toda physica da liberdade, os homens e os animaes são livres, quando nem cadeias, nem peias, nem enfermidade, e obstaculo physico ou material de nenhuma especie, se oppõem ás suas acções, mas que, ao contrario, estas se executam conforme sua vontade.» Esta liberdade « implica simplesmente o poder de agir ».

Ora se o homem somente pratica uma acção, quando não ha obstaculo que o prive, claro é que não é livre, pois que sua liberdade depende da não existencia de obstaculos.

Concluo, pois, que o homem não possue a liberdade physica, porque está sujeita a acontecimentos exteriores, á causas que lhe são estranhas.

E' falsa a idéa da liberdade exterior.

A segunda não existe. O individuo não pode pensar desta ou daquella maneira. As suas idéas intellectuaes são dependentes de sua educação, do meio, dos costumes, e do gráo de intelligencia. Não é livre de seguir esta ou aquella theoria, acreditar nesta ou naquella doutrina.

A terceira especie de liberdade é a que mais interessa ao titulo da minha these.

«A idêa da liberdade psychica não se póde applicar senão a um sêr capaz de uma acção intelligente».(Naville)

Mais adiante diz o mesmo: «A liberdade psychica é a da vontade, que è o caracter dos espiritos, e que se deve distinguir da liberdade de natureza, que pertence a todos os sêres».

Existe a liberdade moral? E' o que procurarei demonstrar.

Dizem os classicos que a consciencia de ser livre é a prova cabal e esmagadora da liberdade moral.

E' pura illusão. A consciencia varia de individuo a individuo. Este não tem consciencia dos actos que se passam no organismo. E' uma illusão arraigada no espirito do homem de todas as epocas, e oriunda da ignorancia das causas physio-psychologicas que o determinam.

Educado nesta escola, o livre arbitrista julga-se independente, porque tem a consciencia de que o é.

Se a consciencia de ser livre é o unico fundamento da liberdade moral, não se poderá affirmar sua exsitencia.

Se o classico tem a consciencia de sua liberdade, os seus adversarios, por sua vez, sentem-se determinados.

O exame subjectivo mostra a falsidade da conclusão da vontade livre.

Moleschott dizia ter consciencia de ser determinado. Eu conheço, sinto que, em todas as minhas acções, ha um motivo que me determina.

Por terem todos os povos a consciencia da verdade de sua religião, são todas verdadeiras?

Até o seculo dezasseis a consciencia geral admittia o movimento rotatorio do sol, mas a affirmação de Copernico foi mais forte e convincente. Tempos depois, contra a somma de todas as consciencias theologicas, prevaleceram as celebres palavras de Gallileu: *E pur si muove!*

Não se tem, ainda hoje, consciencia do movimento do do globo, e, pelo contrario, o sol é que parece o eterno viajor de um caminho immutavel.

Estados psychopathicos fazem que os individuos tenham a consciencia de phenomenos que não existem.

Provar, assim, o livre arbitrio é uma tarefa inutil e absurda.

A liberdade moral, em tal argumento baseada, não se equilibra, rúe.

A maioria de phenomenos, que se dão no intimo do organismo, passa despercebida á consciencia.

Certos individuos têm plena consciencia da posse de uma alma immortal, outros negam peremptoriamente a veracidade do principio dualista.

Não ha tantos presumpçosos? Não têm elles consciencia absoluta de seu grande merito e real valor?

Individuos, arredios do movimento scientifico actual, imbuidos de idéas arruinadas, não se julgam descenden-

tes, em direita linha, dos habitantes do paraiso, daquelles que foram causas do eterno peccado?

E' verdade? Desmente-o a sciencia.

O argumento classico falha, cede.

«A liberdade humana, diz Stuart Mill, consiste simplesmente em que o homem tem consciencia de sua vontade, e não dos motivos quo a determinam.

São de Fouillèe estas palavras:

«*A consciencia da independencia* pode ter, por fundamento real, a inconsciencia da dependencia»

Pode-se ter consciencia de um acto sem o conhecimento de sua causa determinante.

Aquella, por sua vez, è determinada, não pode ser infallivel.

A escola espiritualista fê-la uma «entidade immaterial, simples e una, inextensa e indivisivel, e sempre identica a si mesma, servindo de base definitiva a todas as actividades da alma». (Biichner)

A pratica e a observação claramente demonstram sua mutabilidade e complexidade.

«A consciencia é divisivel, como prova a experiencia que consiste em cortar em pedaços certos animaes, vermes ou polypos, depois do que cada fragmento continúa a viver, no estado de novo individuo, com uma consciencia distincta». (Büchner)

No homem são frequentes os casos de dupla consciencia.

E' um phenomeno, como todos os outros, sujeito ás leis da natureza. As manifestações psychicas dependem tambem do determinismo universal.

A consciencia pode illudir; as allucinações transformam-na.

O hypnotismo tem, sobre ella, incontestavel influencia.

Falando delle, diz Tarde «que nada ha mais proprio para nos curar da illusão do livre arbitrio. O hypnotico desperto (pelo menos apparentemente) que, sob a influencia persistente de uma ordem recebida, durante o somno, rouba um relogio ou espanca um amigo, julga que assim o faz por vontade propria, e funda sua persuasão nos falsos pretextos que sua imaginação lhe fornece para, a si mesmo, justificar seu acto absurdo etc.».

A consciencia, provam-no trabalhos de grandes scientistos, não é uma entidade metaphysica e immaterial. E' um phenomeno de ordem natural; é mutavel, variavel.

O argumento classico, pois, não sustenta a theoria. De tadas as provas, apresentadas pela velha escola, esta é a *mais solida*; o baluarte onde se defende dos golpes certeiros que lhe atira a escola positiva.

Muitos phenomenos intimos, como já disse; passam despercebidos e podem actuar sobre os centros, tornando-se « a causa ignorada de movimentos, idéas e determinações de que não temos consciencia » (Beaunis).

O psychismo inconsciente é o que mais rapidamente se executa.

A actividade cerebral é consciente ou inconsciente, gozando esta ultima bem consideravel papel.

O habito de certos actos conscientes torna-os automaticos.

O estado de consciencia depende de causas diversas, multiplas.

Os phenomenos psychologicos relacionam-se com os physiologicos, que, por sua vez, dependem da nutrição, circulação e causas outras.

Os processos psychicos seguem sua marcha, quer o individuo tenha consciencia ou não.

As observações introspectivas não têm o cunho de infallibidade que lhes querem attribuir; a experimentação invade o dominio da vida psychica.

O subjectivo não basta á elucidação de todos os actos. A consciencia, é sabido, não intervem na ordem dos acontecimentos naturaes.

Porque um surdo não tem consciencia de um som, concluir-se-a não se ter dado o movimento vibratorio que o produz? Não, decerto.

A consciencia de um acto não prova a liberdade de quem o praticou.

« Supponhamos, diz Cresson, uma pedra capaz de consciencia. Ella é arremessada por uma creança. Sente seu movimento. Procura explica-lo. Ignora ter sido lançada, e considera-se a propria causa do movimenio que a anima.»

Numerosos exemplos poderiam mostrar a illusão que resulta, muita vez, da auto-analyse-psychologica.

Destruida, pois, a trincheira, os livre-arbitristas perdem terreno.

De todas as provas que apresentam, nenhuma se sustenta e equilibra.

Das suas longas discussões, somente se ouvem a nihilidade de seus argumentos e o *strepitus syllabarum* de complicada e nebulosa phraseologia.

Insensivelmente vão caindo no indeterminismo relativo.

Assim é que Fonsegrive diz « que o habito e a paixão, unindo-se, enfraquecem o livre arbitrio »,

E, mais adiante, escreve:

« A paixão supprime a razão; o habito, a consciencia ».

Esta deixa a sua posição de juiz infallivel.

———

> « Um corpo chimico dado reage sempre da mesma maneira, nas mesmas condições. A conclusão é o determinismo chimico. Um estudo profundo dos phenomenos vitaes leva-nos tambem, ainda que mais difficilmente, á conclusão do determinismo biologico, quando procedemos do simples ao complexo. »
>
> Le Dantec.

O determinismo é uma verdade, é a base de todos os phenomenos.

O livre arbitrio é uma illusão, porque se diria uma entidade directora dos actos, superior á natureza, causa primeira das acções humanas.

Creação puramente metaphysica, não resiste á investigação.

A aurora brilhante da sciencia, aspirando a verdade, invadiu as trevas das especulações; as falsas entidades, deslumbradas, fogem, desapparecem.

O homem pensa, sente, deseja, mas não é livre de pensar, sentir e desejar.

E' uma vaga no oceano tormentoso da vida universal. Dominado pelo amor e pelo interesse, impellido pela paixão, desiquilibrado pela colera. Escravo do meio; da natureza, escravo.

Suas illusões multiplicam-se, sua imaginação varia.

Seus actos são « absolutamente determinados ... A

vontade é um phenomeno da mesma ordem que as reacções do mundo organico » (Schopenhaeur).

Elle « como sêr physico e intelligente é obra da natureza Conclue-se, por consequencia, que todo seu sêr e suas acções, seu pensamento e seus sentimentos são fatalmente submettidos ás leis que regem o universo. »

E' determinado por suas qualidades hereditarias, e está sujeito ás influencias mesologicas.

Suas acções não têm espontaneidade.

A Moniz cita: «Não ha espontaneidade nos phenomenos vitaes; desde o simples movimento amiboide do proto zoario até a mais elevada manifestação da actividade psychica humana, até o acto voluntario, consciente e deliberado, tudo, como no mundo inorganico, é o resultado, a reacção fatal, mais ou menos proxima ou remota, de determinadas provocações ou excitações, simples ou multiplas.

O acto voluntario, do mesmo modo que qualquer phenomeno cosmico, está, em summa, subordinado á severa lei do determinismo » (Gonçalo Moniz).

Para se demonstrar a falta de espontaneidade dos sêres, deve-se começar pelos inferiores, cuja extructura mais simples sobremodo facilita a observação.

Assim pensa Le Bon, dizendo « que não é no sêr superior que se devem estudar os phenomenos vitaes e psychicos, porque sua composição os torna inexplicaveis.

E', descendo aos organismos mais simples, que se descobrirá o esboço de uma explicação dos phenomenos psychicos ».

Naturalissimo è o principiar pela base da escala, pois que, em verdade, não existe, entre o homem e outros sêres, uma diversidade profundamente essencial.

Descartes pensava que, entre o *genus homo* e o reino animal, havia uma linha nitida de separação.

Os espiritualistas ainda dizem: « O homem è uma intelligencia servida por um grupo de orgãos; o animal, um grupo de orgãos servidos por uma intelligencia ».

O *cartesianismo* ia mais longe, quando dizia que o animal não tinha representação consciente, era uma simples machina.

Tudo nelle se reduzia ao puro reflexo inconsciente. « O homem tem intelligencia, o animal tem o instincto ».

A doutrina de Descartes negava a consciencia dos animaes; os espiritualistas, ainda hoje, assim o pensam.

A sciencia moderna, porem, reconhece que o homem é o mais intelligente dos animaes; mas nega o privilegio exclusivo desta faculdade.

O sêr humano é o resultado lento e gradual de uma longa evolução.

Suas qualidades psychicas e intellectuaes acham-se, embora em menor grau, em outros animaes.

Seu estudo psychico deve, pois, ser feito por meio de uma regressão á ontogenia.

No começo de sua existencia, o homem é um ovo cellular, um plastidio simples (Huxley). Quando em completo desinvolvimento, é composto de milhares desses pequeninos sêres protoplasmicos.

Claro é que demonstrado o determinismo desses elementos, provado estará o do homem, aggregado plastidiario.

Apurados estudos de cuidada observação e seria experiencia affirmam que estes corpos unicellulares são absolutamente determinados.

Parece que os plastidios se movem espontaneamente, mas isto é simples illusão que mui rapidamente se desfaz.

Le Dantec, estudando bellissimamente este facto, assim escreve:

«Numerosas experiencias têm provado uma influencia, manifestamente directora, dos differentes agentes empregados, substancias chimicas (chimiotropismo) luz (phototropismo) calor (thermotropismo) etc., o que faz pensar que o movimento dos plastidios é unicamente uma consequencia das reacções chimicas que nellas se dão .»

Assim é que a falta de oxigenio lhes tira o movimento. A presença deste gás fá-lo recomeçar.

«Em resumo, no estado actual da sciencia, se pode considerar como demonstrado que todas as manifestações da vida elementar dos corpusculos vivos são resultantes

de suas propriedades chimicas, que seus movimentos são devidos a reacções chimicas, etc. »

Le Dantec conclue que, sendo as reacções determinadas, os movimentos e outras manifestações tambem o são.

Os movimentos desses sêres inferiores dependem e são effeito das reacções chimicas.

Suas faculdades « são unicamente as propriedades chimicas de suas substancias consituintes ».

Se têm vontade, « estes infelizes devem constantemente ser contrariados em seus projectos e estar frequentemente de muito mau humor ». (Le Dantec).

Entretanto, ao observador ignorante parecerá bem verdadeira a manifestação de uma vontade consciente e perfeita.

« Numa gotta de uma infusão, ao microscopio, a vida é extraordinaria.

Os plastidios pullulam e movem-se nos sentidos os mais differentes e segundo os trajectos os mais irregulares.

Uns caminham para a direita, outros para esquerda, uns obliquam num sentido, outros desviam-se noutro, uns apprehendem estas ou aquellas granulações, outros quedam-se immoveis. O espectaculo é o de uma população occupada nos seus negocios, movendo-se activamente em todos os sentidos, vagueiando á espreita de caça, devorando os alimentos que descobre, ou dei-

xando-se immobilisar na branda quietação dos repletos em idyllica contemplação de seu firmamento. (Bombarda)

Não parecerá que estes sêres unicellulares, apezar da singeleza de sua vida, se movem voluntariamente, completamente estranhos ás determinações do meio?

O mesmo escriptor diz: « Temos aqui uma preparação, uma gotta de liquido, contendo ciliados e flagellados. Quer-se a imagem de uma batalha, em que os soldados se precipitem furiosos uns sobre os outros? Nada mais facil. Façamos actuar sobre a preparação uma corrente galvanica; flagellados accumulam-se num eléctrodo, ciliados no outro. Invertamos a corrente; os plastidios atiram-se uns sobre os outros como inimigos até que de novo se accumulem nos respectivos pólos. E tudo isso, a reparação nitida desses organismos, bastam poucos segundos para a realisar completa.»

Le Dantec, que estuda bem este phenomeno e me serve de guia em taes demonstrações, descreve:

« Eis aqui uma bacteria que parte (chimiotropismo) ao encontro de uma região da infusão onde achará uma substancia que lhe agrada !)

Eu lhe dirijo, de um outro ponto, um raio de luz azul, e ella é obrigada a mudar de direcção. Mas, dirão, é que lhe é melhor a luz que o alimento; então eu a faço mudar de rumo por uma substancia attractiva que lhe seja

prejudicial; ella corre atè ahi, e morre; será porque eu a torture ao ponto de lhe ser preferivel o suicidio?»

Provado está que não ha escolha nem reserva na assimilação dos sêres inferiores. Sua vontade é apparente e illusoria.

Tudo se reduz ao resultado dos phenomenos physico-chimicos.

Englobam substancias diversas, quer sejam uteis ou prejudiciaes. Tudo nelles é simples, singelo, como a propria estructura.

Ora, não havendo vontade no plastidio, não poderá existir no homem que é um animal polyplastidiario.

A conclusão, em que peze aos espiritualistas, é logica e verdadeira.

Conclúe-se, ainda, que, não havendo no interior do cospusculo o principio vital, nem a alma impalpavel, é falsa a divisa:

Meus agitat molem.

E' o que mui verdadeiramente se deduz, subindo a escala zoologica. Provas outras, que não estas, annullam tambem a idéa da liberdade volitiva.

A conclusão, que a elimina, é sanccionada pela sciencia. Acham-na falsa aquelles que esmagados vivem sob o jugo ferrenho do misoneismo.

Que ella não baste e outras apresentadas serão; assim o exija a demonstração da verdade.

Sufficiente será recorrer á lei da causalidade natural, que o livre arbitrio destruiria.

A vontade humana resulta de causas naturaes, e dellas depende.

E' um effeito e, sendo assim, varia sob a influencia poderosa de factores vários, como o prova cabalmente a physio-pathologia.

A sua independencia seria uma novidade no mundo, porque faria della um producto espontaneo.

A volição, diz Ribot, não é uma causa, mas um effeito.

Os estoicos, Spinoza, Diderot, Schelling, Wirchow, Büchner, Le Dantec, e outros, negam a liberdade volitiva como um poder illusorio e falso.

Stuart Mill, «o mais logico dos deterministas e o mais determinista de todos os logicos», como alguem o denominou, proscreve o livre arbitrio, porque todos acontecimentos se explicam pelos antecedentes. O effeito resulta sempre de uma causa.

Um phenomeno é causa de outro.

Do nada, nada vem. Attesta-o Lncrecio em seu aphorismo. *Ex nihilo, nihil, in nihilun nil posse revesti.*

O livre arbitrio seria uma causa primeira. Esta, porém «é tão impensavel quanto o começo do tempo ou o limite do espaço.» (Schopenhaner).

Outro argumento, opposto pelos deterministas aos classicos, é que tal entidade iria ferir, desmentir a lei

da conservação da materia, com a qual está em completa contradicção.

Lucrecio, o notavel poeta, dizia em seu livro *De natura rerum*, que Lefèvre traduziu :

> «Rien ne vient du néant, rien non plus n'y retourne,
> La matière en un cercle éternellement tourne
> Sans diminuer jamais, produisant terre et cieux,
> De l'univers, enfin, le tont harmonieux».

Bernardino Telesio, no seculo XVI, escreveu :

«A substancia dos corpos é a mesma por toda parte, e fica eternamente a mesma ; a indolente e sombria materia não pode ser augmentada nem diminuida».

Dizia Giordano Bruno : Ali, onde pensamos que alguma cousa morre, apenas se trata de uma passagem a uma nova existencia, de uma dissolução dessa combinação por onde começa uma dissolução nova».

A descoberta da lei, acima mencionada, foi um dos acontecimentos maiores do seculo XIX.

Novos horizontes rasgaram-se á perspectiva do methodo experimental, e phenomenos diversos foram explicados.

Os effeitos de tal lei foram mais consideraveis, quando, algum tempo depois, descoberta foi a da *transformação das forças*.

E, como a materia é inseparavel da força, que é attributo daquella, Hœckel, o grande sabio, sob o nome de *lei de substancia*, resume «as duas leis, extremamente

geraes, de origem e epocas differentes; a mais antiga é a lei chimica da «conservação da materia», a mais recente, a lei physica da «conservação da força».

Lei da conservação da materia.

A materia é indestructivel e constante; transforma-se, mas não desapparece. O atomo é sempre identico, sómente pode mudar de combinação.

«Um simples atomo elementar, diz Stewart, é um ser immortal, gozando do privilegio de ficar intacto e immutavel, apezar dos mais terriveis choques».

A chuva, que do alto desce, não é mais que a condensação dos vapores atmosphericos; o carbono, que queima, combinando-se com o oxygenio do ar, forma acido carbonico.

Tudo se transforma, nada perece. E' a evolução eterna.

Lavoisier, chimico francês, victima da revolução, foi o descobridor dessa famosa lei, que se resume nestas celebres palavras: «*Nada se crêa, nada se perde.*»

2ª. *Lei da conservação* da força.

A somma de força, que actúa no espaço infinito e produz todos os phenomenos, é constante.

A força emana da materia, logo é immortal. Nas mais complicadas transformações, não se perde a minima parcella de materia, assim como a menor quantidade de força.

Em 1837, Mohr em seu livro «Über die Natur der Warme» aproximou-se da concepção desta lei.

Coube a Mayer, em 1842, descobrir o equivalente mecanico do calor.

As forças transformam-se frequentemente umas nas outras. O calor e a luz podem ser o producto da queima do carbono.

O calor, por sua vez, pode tornar-se movimento. Este, por meio de attrito, transforma-se novamente em calor, em electricidade e luz.

« A transformação está em toda a parte, diz Tyndall, a destruição em nenhuma parte. No mundo organico, como no inorganico, nos corpos vivos, como nos inanimados, reina um eterno movimento. Não ha repouso absoluto. Tudo se transforma, e do seio da poeira surge, sem cessar, uma nova vida. »

A lei da substancia, como se conclúe, é contraria ao livre arbitrio e completamente o aniquila.

Essa lei, em dogma erigida, acaba de ser desmentida pelas experiencias, em parte concludentes, de um physico notavel.

Abrirei um parênthese para apresentar a questão.

A opinião da indestructibilidade da materia vem desde remotissima antiguidade.

Apesar de alguns physicos, como Faraday, terem pensado na unidade provavel da materia e da energia, ninguem havia dado a esta concepção o cunho de precisão e

o caracter de verdadeiro resultado de estudo experimental.

As hypotheses, até então apresentadas, eram simples argumentos metaphysicos, em que haver não se notava um fundamento solido.

Gustavo Le Bon, actualmente, é quem vibra, contra o velho dogma, destruidoras concepções.

A materia não é indestructivel; a lei fundamental cosmologica não é suprema nem verdadeira.

A materia pode ser dissociada.

Não é inerte, pois que é um reservatorio de grande energia.

Os velhos principios da thermodynamica vão caindo em ruinas, por isso que lhes é pesado o pó de muitos seculos.

A materia, segundo as conclusões do mencionado sabio, é uma variedade muito simples da energia.

O calor, a electricidade, a luz, são formas de energia, resultantes todas da dissociação dos atomos. São manifestações poderosas da força *intra atomica.*

Deante dos estudos geniaes e cuidadosos de Le Bon, a dualidade da força e da materia é aniquilada.

«Não ha separação entre a materia e a energia, pois que aquella é simplesmente uma forma estavel desta».

A indestructibilidade da materia é julgada uma conce-

pção erronea. E' falso o velho principio: «*Nada se crêa, nada se perde*».

«Os elementos dos atomos, que se dissociam, são irrevogavelmente destruidos» (Le Bon).

Elles perdem o peso, que a balança não accusa.

O distincto sabio, depois de 10 annos de longos e apurados estudos, chegou á conclusão de que a materia não é indestructivel.

Nega a indivisibilidade dos atomos, até agora um principio de fé scientifica, uma especie de dogma imperecivel.

«Ora, diz o grande physico, os dogmas scientificos inspiram o mesmo temor supersticioso que os deuses das antigas idades, bem que, como estes, tenham toda fragilidade.»

Elle resume as idéas classicas, que combate, nesta passagem de uma obra de Janet: «O mundo, em que vivemos, é, em realidade, um mundo duplo, ou composto de dous mundos distinctos: um quê è o mundo da materia, o outro, o da energia. O cobre, o ferro, o carvão, eis formas da materia. O trabalho mecanico, o calor, eis formas da energia. Cada um desses mundos é dominado por uma lei identica. Não se póde crear nem destruir a materia, não se póde crear nem destruir a energia.

«Materia e energia podem revestir um grande numero

de formas diversas, sem que a materia possa transformar-se em energia ou a energia em materia.»

Considerando, diz Le Bon:

«A impossibilidade de transformar a materia em energia parecia então evidente, e é com razão que ella é invocada nas obras classicas para estabelecer uma separação muito nitida entre o mundo da materia e o da energia.»

O eminente physico prova a unidade da força e da materia, dizendo ser o atomo um immenso gerador de energia.

O atomo, em sua theoria, é mortal.

A sua dissociação dá os seguintes paoductos: «1.º *Emanações;* 2.º *Ions negativos;* 3.º *Ions positivos;* 4.º *Electros;* 5.º *Raios catódicos;* 6.º *Raios X e radiações analogas.*

São causas frequentes da desmaterialização: a luz, as reacções chimicas, (como seja uma simples hydratação) as acções electricas, os phenomenos de combustão, a energia calórica.

Affirma Le Bon que a materia se dissocia espontaneamente. Este processo lentamente se executa; é um phenomeno geral.

A substancia, que soffre a desmaterialização, apresenta propriedades intermediarias do ponderavel e do inponderavel.

Elle resume os resultados experimentaes de suas investi-

gações nas seguintes proposições: «1.ª A materia, outrora supposta indestructivel, desapparece lentamente pela dissociação continua dos atomos que a compõem.»

«2.ª Os productos da dissociação da materia constituem substancias intermediarias, por suas propriedades, dos corpos ponderaveis e do ether imponderavel, dous mundos que a sciencia, até agora, tinha separado.»

«3.ª A materia, outrora considerada inerte, não podendo restituir a energia que lhe tinha sido fornecida, é, ao contrario, um colossal reservatorio de energia — a energia intra-atomica — que ella pode despender sem receber de fóra.»

«4.ª E' da energia intra-atomica libertada que resulta a maior parte das forças do universo, principalmente a electricidade e o calor solar.»

«5.ª A força e a materia são duas formas diversas de uma mesma cousa. A materia representa uma forma estavel da energia intra-atomica. O calor, a luz, a electricidade, representam formas instaveis da mesma energia.»

«6.ª Dissociando os atomos, isto é desmaterializando, não se faz mais do que transformar a forma estavel da energia, chamada materia, em formas instaveis, conhecidas pelos nomes de electricidade, luz, calor, etc. A materia transforma-se continuamente em energia.»

«7.ª A lei de evolução applicavel aos sêres vivos tambem

o é aos corpos simples; as especies chimicas e as especies vivas não são invariaveis.»

«8.ª A energia não è indestructivel, assim como a materia donde aquella emana.»

O producto da dissociação vae cair no ether.

Dahi em deante, Gustavo Le Bon recorre ao dominio das hypotheses.

A materia dissociada cae no ether. Ahi está o seu termo. O ether é o nirvana.

«Fazer hypotheses, verifica-los por experiencias, depois procurar relacionar, com o auxilio de generalizações, os factos observados, tudo isso representa os estados necessarios da edificação de todos os conhecimentos». (Le Bon).

Das «edades heroicas aos tempos modernos, a hypothese foi sempre um dos grandes recursos da actividade humana.» (Le Bon).

O eminente sabio julga completamente destruido o principio fundamental da chimica, assim como o dogma da conservação da força.

«Nada se crê. Tudo se perde.»

Duclaud, na *Revista Scientifica*, em 1904, escreve com muita razão:

«Ora, a não ser que se admitta haja perda do ether, saida do reservatorio, durante esta perpetua troca entre o ponderavel e o imponderavel, concluir não se poderá

o desapparecimento de qualquer quantidade de materia. A idéa de uma perda da parte do ether é inadmissivel, pois que, por hypothese, o ether enche todo o espaço. »

Laisant, tambem por Le Bon citado, discutindo o supposto fim da materia no ether, escreve:

« Em logar desse eterno cemiterio dos atomos, eu quero que o ether seja o perpetuo laboratorio da natureza ».

O distincto sabio declara não contradizer as duas ultimas opiniões. Diz somente que, caindo no ether, « a materia tem irrevogavelmente cessado de existir para nós ».

« Ella, diz, se tornou alguma cousa incognoscivel e eliminada da esphera do mundo accessivel aos nossos sentidos e instrumentos. »

E, em outro ponto, opina que a materia, « volvida ao ether, não pode mais voltar ao que era, ou, pelo menos, não o poderia senão por accumulações colossaes de energia, durante longas successões de edades...»

Elle mesmo confessa que a conservação da materia e da força fica parcialmente intacta, attendendo que o atomo, dissociando-se, restitue a energia armazenada na origem da sua formação.

Das investigações, incontestavelmente geniaes, do grande sabio, não se concluirá a negação absoluta da lei cosmologica.

O que parece indiscutivel é a unidade da energia e da materia.

A morte do atomo está, ainda, no dominio da hypothese.

E' um pouco arriscada a affirmação: «Tudo se perde».

A hypothese pode servir de guia, mas não pode ser oraculo.

A lei de substancia, se me não engano, não está absolutamente aniquilada.

O principio «Nada se crêa, nada se perde» ainda não recebeu o golpe esmagador.

Porque o resultado da dissociação do atomo, no ether, não é *accessivel aos nossos sentidos e instrumentos*, concludente não é que se o diga mortal.

O mais acreditavel é a transformação.

Os antigos instrumentos não tinham a percepção de certas forças, entretanto estas existiam.

Cousas, que se nos passam imperceptiveis, pelo homem futuro serão conhecidas. Não se pode limitar o alcance da razão.

Todavia, verdadeiro ou falso o principio «Tudo se perde», fica ainda o outro «Nada se crêa».

Isto basta.

A causalidade applica-se á producção de todo os phenomenos do universo.

Desde a irritabilidade do protozoario até a actividade consciente do homem, tudo é determinado.

Da parte inferior da escala animal até o ultimo grau de seu desinvolvimento, a causalidade domina e dirige.

As acções espontaneas são puramente illusorias; somente a metaphysica pode concebê-las.

A vontade livre é um falso rotulo, uma reminiscencia historica.

Ella, na concepção antiga, era tida, á feição de entidade symbolica, como uma força autonoma, increada.

Era uma faculdade independente, uma entidade psychica.

Os scientistas actuaes, desprezando o methodo systematicamente especulativo, guiados pela experiencia, julgam-na uma manifestação physio-psychologica. A vontade é simples volição. Esta é um reflexo.

Antigamente o acto reflexo consciente era considerado como differente do reflexo inconsciente. Hoje «o acto reflexo é o eschema universal.» A cellula nervosa é a formula anatomica do arco reflexo; é o centro onde chega e se reflecte o influxo nervoso. O neuronio é o elemento estructural do psychismo. Os neuronios não se soldam; ha simples contiguidade entre suas fibrilhas.

O arco reflexo antigo tornou-se arco mono ou poly-

neurico, segundo é constituido por um ou mais neuronios.

Cada arco neuronico é uma unidade physiologica. A unica differença entre os actos reflexos é a complexidade.

Diz Debierre:

«A acção reflexa é essencialmente constituida por uma reacção motriz, automatica e inconsciente ou voluntaria e consciente. Reduz-se aos phenomenos seguintes:

1.º Impressão ou recepção dos movimentos exteriores pelos orgãos sensitivos;

2.º Transmissão centripeta da agitação, por intermedio dos nervos centripetos ou sensitivos que ligam a peripheria aos orgãos nervosos centraes;

3.º Reacção interna ou reflexão da agitação recebida pelos elementos nervosos dos centros, acompanhada ou não de consciencia;

4.º Transmissão centrifuga da excitação por meio dos nervos centrifugos ou motores que ligam os centros aos musculos;

5.º Reacção externa ou restituição da energia recebida (momentos musculares, gestos palavras etc.)»

«A funcção dos centros nervosos consiste, pois, em *restituir*, *reflectir*, sob forma de impulsão motriz, a impressão sensitiva que lhes vem do exterior. Mas devido á complexidade do mecanismo, a energia recebida é não

só restituida immediatamente ou amarzenada para reapparecer depois, sob certas condições, mas é tambem modificada. O organismo recebe do exterior somente movimento, mas sob formas diversas, como sejam movimentos de massa ou molecular (ondulações sonoras, vibrações luminosas, caloricas, movimentos chimicos.»

As impressões exteriores podem ser. pois, luminosas, auditivas, caloricas, chimicas etc.

O organismo reage conforme a intensidade e a demora das impressões.

A volição, cujo estudo muito interessa ao assumpto, não è effeito da vontade, mais uma manifestação psychica, um acto reflexo superior e consciente.

«A volição, diz Dallemagne, é um reflexo de phases successivas e decomponiveis, assim digamos, em actos ligados uns aos outros. Estes actos, numa volição typo, são acompanhados de processos conscientes, que são os seus attributos psychicos.»

O primeiro acto de uma volição eschematizada é a excitação ou incitação causal.

«O segundo acto, diz Dallemagne, o segundo processo de uma volição consiste na percepção da excitação.»

A complexidade é maior neste periodo. Podem influir as inclinações individuaes, as aptidões hereditarias, a reflexão, a comparação, e outros motivos determinantes.

A percepção, é incontestavel, pode ser quasi inconsciente, existindo, todavia, physiologicamente. Dallemagne diz mesmo que pode ser inconsciente.

Eu contesto, pois que não comprehendo que se *perceba sem consciencia.*

O terceiro periodo da volição consiste em uma serie de processos de associação, donde, systematicamente, resulta a decisão.

A ultima phase da volição é a execução.

«Se existem, diz Dellamagne, volições de origem externa-interior e exterior–podemos então admittir volições de origem interna, de natnreza ideogenica.»

Estas são as que têm a apparencia, a illusão perfeita, de espontaneidade. São manifestações de actividade psychica. São reflexos mais complexos.

A percepção varia na razão directa da excitação. Varia de individuo a individuo. Uns possuem-na pouco sensivel, outros têm-na hyperesthesiada. Volições ha que dependem de grande reflexão e de impressões anteriores.

São as que dão mais francamente a illusão da liberdade volitiva. Outras ha que são rapidas e simples.

«Diz-se, então, uma volição lenta, ponderada, reflectida, experimentada ou uma volição rapida, superficial, inconsiderada, etc.» Algumas são quasi automaticas.

A determinação, em casos taes, ganha rapidamente os territorios motores.

Nas volições complicadas, ao envez de rapido o processo, ha, entre a determinação e o acto definitivo, condições diversas que produzem modalidades varias.

A volições formam uma escala, que vem desde o quasi-automatismo até a maior complexidade. Como se deduz, ao revés do que se pensava outrora, a volição não é uma entidade psychica.

O acto *voluntario* e o inconsciente são sempre determinados; distingue-os a complexidade.

Darei, para maior clareza, o seguinte eschema *de toda acção individual:*

« 1.º Uma phase physica, fora do centro nervoso, a qual pode ter sua origem no mundo exterior ou no corpo do individuo: por exemplo, uma vibração do ar e do ether que vem impressionar a peripheria do corpo, ou então um movimento que, nelle mesmo, se produza, seja no estomago, no figado, ou em outra parte; 2.º Uma phase physiologica dupla, isto é, primeiramente uma vibração centripeta na substancia do nervo cuja extremidade peripherica é excitada pelo movimento physico e que propaga, até o centro nervoso, a vibração determinada pelo mesmo movimento; e, em seguida, um movimento centrifugo que percorre esse mesmo nervo em sentido inverso e propaga a mesma vibração do centro á peripheria; 3.º Nova phase

physica que é o movimento muscular, mecanico, a acção exterior, effeito da corrente nervosa centrifuga.»

«Um homem dirige-me a palavra: resulta dahi um movimento exterior do ar, uma corrente centripeta da orelha ao cerebro, uma corrente nervosa centrifuga do cerebro ao braço, um movimento do proprio braço.»

«Ora, este processo evolutivo fundamental pode ter duas modalidades: ou, no momento em que a corrente nervosa centripeta chega ao cerebro, somos advertidos, e então elle se torna consciente, passa, como diz Sergi, á phase psychica, e se manifesta na sensação, no sentimento, na idéa, no esforço voluntario; ou então não attinge esta manifestação psychica, e fica no dominio do inconsciente, como simples acto reflexo. Neste ultimo caso, que é o mais simples, o processo evolutivo é, como acabo de o dizer, composto de tres phases, sendo uma dupla; no segundo caso, ao contrario, da manifestação consciente, ha mais uma phase physica que biparte a phase physiologica dupla, e então se produzem estes cinco periodos do phenomeno complexo: movimento physico externo no começo — corrente physiologica centripeta — manifestação psychica — corrente physiologica centrifuga — finalmente, movimento physico externo.»

«Se este processo não chega até a phase psychica, fica no estado de simples acto reflexo inconsciente e involuntario, em que não entra a idéa de livre arbitrio;

se, ao contrario, attinge a manifestação psychica e se torna acto consciente ou voluntario, então se produz na consciencia, em consequencia da illusão indicada, o sentimento de liberdade volitiva durante a phase psychica, sobretudo nos casos especiaes de deliberação demorada e, por consequencia, mais nitidamente percebida.» (Ferri).

O acto, seja voluntario ou automatico, é o fim de uma cadeia de phenomenos; é sempre resultado, effeito de determinadas causas.

«A actividade psychica, sob suas differentes formas, toca sempre, afinal, numa reacção motriz, voluntaria ou automatica, consciente ou inconsciente.» (Hamon).

CAPITULO III

DALLEMAGNE diz que « apezar da variedade das volições, ellas estão longe de resumir tudo que ordinariamente se entende sob o nome de vontade ».

Casos ha em que a determinação não mostra tendencia especial, parecendo brotar espontanea e incondicionalmente, livre de circumstancias.

Outras vezes, a orientação é o resultado de inclinações e disposições individuaes.

« A determinação, uma vez nascida, diz Dallemagne, é claro que nos achamos em pleno dominio do que se chama actividade voluntaria. A vontade, doravante, vae intervir continuamente ».

Servirá para vencer e aplanar resistencias, superar impecilhos, dominar escrupulos e temores. Será o elemento fortificante da resolução.

Todavia a sua importancia não é essencialmente primaria, pois que predominam factores outros, como sejam os attributos de excitação, a complexidade dos circuitos, a apathia ou a actividade dos centros motores.

Álem disso, a vontade nem sempre corrobora a excitação.

Pode, ter, como provam as experiencias, uma influencia contraria, como seja o poder de aniquilar a excitação, de intervir em cada periodo reflexo, produzindo inversos phenomenos. Será, então, inhibitoria, ao envez de adjuvante.

Este phenomeno de inhibição, quando descoberto, arruinou completamente a lei da manifestação reaccional infallivel de toda excitação. Hoje esta propriedade (inhibição) é considerada, como um dos modos da neuro-actividade.

O citado phenomeno poderá intervir em qualquer phase reflexa, impedindo, por assim dizer, a exteriorização.

Assim, como se vê, a onda nervosa pode ser impedida como a luminosa. Influencias inhibitorias podem detê-la na serie dos cyclos. E' uma especia de barreira, que se oppõe a determinação.

Esta força, ora adjuvante, ora inhibitoria, é que se chama vontade. Deve-se notar que não tem a significação que lhe dão os classicos.

E' um nome antigo que baptisa uma concepção nova.

A palavra pode ficar, a velha idéa não se sustenta.

Ella pode, como já disse, desviar, impedir, impossibilitar o reflexo. E' um attributo do nosso caracter, uma

synthese de nossas inclinações, de nossos habitos, e da propria educação.

Quando a vontade *parece* ser a origem consciente do acto voluntario, o individuo tem a illusão de sua espontaneidade, pois que similha uma causa primeira, isto é, independencia de causas provocadoras. O estudo psycho-physiologico reduz a nada essa illusão. A ignorancia e a inconsciencia das causas precedentes dão a falsa intuição de independencia.

Uma parte do processo passa-se no inconsciente. A intercurrencia das volições, isto é, da vontade, na expressão synthetica da palavra, na significação moderna, fortifica, enfraquece, ou mesmo inhibe a execução.

Por isso não é contrasenso, embora o pareça, dizer-se que um individuo tem vontade fraca e irresoluta ou forte e energica. Isto significa maior ou menor intensidade de manifestação psychica. Não ha incoherencia na conservação da palavra *vontade.*

A reacção depende da excitação, da energia ou apathia do processo, da força ou fraqueza das causas determinantes. A qualificação é baseada no modo de realização dos actos.

A' luz da consciencia podem surgir determinações diversas, donde se origina a indecisão, que exige uma reflexão mais ou menos demorada.

A intervenção desses factores dá-se por causa da

independencia dos circuitos, que guardam uma certa quantidade de impressões, chamadas *residuos* pelos physiologistas.

A receptibilidade delles explica o acto voluntario.

« Definamos rapidamente, diz Dallemagne, antes do proprio acto, esta dupla condição de sua producção; será a estatisca ante a dynamica, alguma cousa que lembre a anatomia precedendo a physiologia ».

A independencia dos circuitos explica, como já disse, a intervenção da vontade.

E' uma propriedade dos arcos polyneuricos. Se ella não existisse, se os arcos fossem absolutamente ligados e dependentes uns dos outros, é claro que seria o automatismo.

Não seria permittido desvio nem tambem variação no processo reflexo, se houvesse ligação impenetravel dos circuitos.

A reflexão não se poderia dar, e esta, ainda que se produzisse, não influiria sobre a marcha do reflexo.

Condição indispensavel ainda se apresenta: a existencia do residuo, que é a impressão recebida pela cellula e no seu intimo guardada; é o resultado de todo phenomeno psychico que ahi se passa.

E' uma grande necessidade no caso vertente, desde que, sem tal estereótypo, haver não poderia a memoria.

Como seriam possiveis a educação, a experiencia, a adaptação e a aprendizagem?

Diz Dallemagne que esses residuos possuem propriedades dynamicas, sendo provavel que vibrem sob certas condições.

Os estados de consciencia são talvez dependentes da intensidade dessas vibrações; a hypotensão fá-los-ia entrarem no dominio do inconsciente, ao passo que a elevação os poria na altura de concepções conscientes.

A memoria seria o despertar dynamico, o resultado dessas vibrações, que trariam, ao campo da consciencia, antigas impressões, existindo latentes no interior das cellulas.

Assim é que se explicam a reminiscencia e a retenção das imagens.

A energia dos residuos «bastaria para dar a substancia cortical uma especie de autonomia funccional».

As vibrações reforçam-se «em virtude da relação que existe entre o residuo e a excitação».

A vontade «não tem existencia propria, é uma metaphora usada por nossa mentalidade para evitar a repetição dos processos mentaes essenciaes, que, no curso de um reflexo, despertam o *eu* e lhe attribuem a paternidade querida e deliberada do acto que caracterisa essa reflexão». (Dallemagne).

Diz ainda o mesmo physiologista « que a vontade se

apresenta como a resultante de um atttributo commum, identico a si mesmo em sua expressão physiologica, em sua formula mecanica; muito variavel, entretanto, nas formas sob as quaes se manifesta a consciencia ».

A exuberancia do trabalho em um centro, com prejuizo dos outros, trará, como resultado, uma vontade impetuosa e energica. A insufficiencia de actividade produzirá, bem ao contrario, uma vontade irresoluta e fraca, Depende, pois, de factores, como sejam a natureza dos elementos e a somma de energia latente. As tendencias individuaes enfraquecem e modificam-se com a idade. A funcção volitiva, no velho, declina sensivelmente na ultima quadra do existir, que, muita vez, morosamente vae, ao passo que se elle apega á vida, dominado pelo temor da morte, que proxima vem, despiedosa e cruel. E' uma segunda infancia, mas decrepita e triste; ali é o florecer da existencia, aqui o declinar da vida. esvaindo lenta.

A vontade pode extinguir-se, por effeito de manifestações pathologicas.

O hypnotizado perde a vontade, que é substituida pela do agente.

Causas outras influenciam-na. Descrevê-las é o que vou tentar.

O procedimento do indiuiduo depende do seu caracter. Este è um effeito complexo, não ha nega-lo, de circums-

tancias psycho-physiologicas e da educação. A herança, por sua vez, prepara o *substractum* onde agirão as iufluencias estranhas.

O caracter é, segundo o professor Ribot, a expressão psychica de um organismo individual. Depende de causas diversas, predominando incontestavelmente a herança, o meio cosmico. a instrucção, a saude, a profissão, o clima, o meio social e quejandos factores.

«As faculdades moraes do individuo, diz Schmidt, trazem o typo de sua origem, e são determinadas pelas leis da herança.»

Debierre escreve:

«O homem pensa e age, não espontaneamente, mas conforme o sangue que tem nas veias, isto é, segundo sua herança. Elle sente, pensa, quer muito mais por seus avós do que por si mesmo. E' o morto que, do fundo do seu tumulo, onde se tornou poeira, governa o vivo.» (Cit. de A. Moniz.)

«As descobertas anthropologicas e psychiatricas mostraram como o homem é despoticamente regido pela organização e pelo meio social.» (Bombarda)

A herança é o maior factor do caracter; é o terreno onde irá influir o meio social.

Aquella determina o caracter; o meio, a sua reacção.

«A personalidade humana, diz Dallemagne, é o resul-

tado de dous factores essenciaes, reagindo um sobre outro: o organismo e o meio.»

O ser humano é o joguête de condições multiplas, sejam physicas ou sociaes. A vontade humana varia em cada individuo, e está sujeita ás influencias meteoricas.

O clima quente, influenciando a actividade cerebral, modifica a energia rolitiva. O calor pode ser causa de apathia, assim como de acções violentas.

O frio tem uma acção depressiva sobre os centros nervosos, donde o caracter brando dos habitantes desse clima.

A geologia, a orograhia, a raça, o vento, tudo isto tem um poder modificador do caracter.

O opio produz consideravel enfraquecimento da vontade. A fome, a miseria, a posição, e o exemplo têm influencia incontestavel sobre as manifestações volitivas. A civilização, é sabido, possue uma acção inhibitoria sobre as tendencias criminosas. O meio social dirige, modifica, eleva ou corrompe o caracter. A imitação tambem dirige a vontade, assim como o exemplo. A educação é um factor poderoso. Dous individuos, que tenham caractéres similhantes, poderão, dirigidos pela educação, proceder differentemente.

«O caracter e os motivos, eis, em summa, os factores que produzem todas as acções humanas.» (Hamon).

O homem deseja naturalmente o prazer e a commodidade.

«Em todos os actos, achamos o determinismo sob sua forma inexoravel. A vida humana leva, por toda a parte, o mesmo sentimento: fugir á dôr, procurar o prazer.» (Dallemagne).

Conclue-se então do que até agora escrevi a inexistencia da liberdade volitiva. O homem é escravo dos motivos que o determinam.

«A unica liberdade que o ser humano possue, diz Hamon, é a de proceder segundo sua vontade, seus proprios gostos, suas inclinações, seus motivos.»

Adeante, elle observa: «Já Hobbes, Bayle, Voltaire e tantos outros haviam dito que a liberdade de proceder era a unica que possuiamos. Collocavam a liberdade no poder de executar o que se havia querido. Racionalmente demonstravam que era isso a unica liberdade possuida. Hoje, pelo methodo positivo, se chegou á mesma demonstração: O ser humano não possue a liberdade de proceder». Ferri e outros assim o pensam.

Concordo absolutamente com a negativa do livre arbitrio, mas contesto a existencia da liberdade de proceder.

Para melhor pôr a questão, transcrevo a seguinte definição:

«Por liberdade physica, exterior, explica Herzen, en-

tende-se a ausencia de obstaculos á execução do que se tem querido, ou em geral, ao exercicio da actividade propria do individuo; é assim que se diz: — «uma ave livre de voar, o ar livre de circular,—a balança livre de descer de um lado ou de outro,—o homem livre de ficar em casa ou de ir passear.»

Primeiramente, declaro que não conheço balança *livre de descer ou de subir*. Quando perfeita, não póde, por si mesma, pender para um ou outro lado.

O homem não tem liberdade de acção, pois que depende da presença ou ausencia de obstaculos.

Uma acção, que póde ser impedida, merece o qualificativo de livre? Ha um evidente paralogismo. Inhibido pela civilização, dominado pelas conveniencias sociaes, vigiado pela lei, não pode o homem proceder livremente.

Elle é livre, quando não impedido por obstaculos. «Se nada me embaraçar, procederei livremente», diz o tal raciocinio. E' o caso de dizer: «Se eu não morrer, terei a liberdade de viver». Para mim, não existe absoluta liberdade de acção. Ella está na razão inversa do grão de civilização.

Esmagados pelos raciocinios da escola positiva, que lhes aniquila as concepções idealistas, os classicos lentamente se retiram, fazendo concessões que bem mostram a fraqueza da escola.

Vão, pouco e pouco, rareando, levados pela caudal regressiva de avelhentadas idéas

A escola psycho-physiologica determinista não lhes dá tréguas, apertando-os no circulo absoleto dos seus proprios sophismas.

Fracos na provança da these livre-arbitrista, vão admittindo um indeterminismo relativo.

Na concepção classica, que alguns espiritos atavicos ainda acceitam, a vontade é independente, livre directora.

Ella pode decidir-se entre dous motivos equïpollentes,

E' a liberdade de indifferença: *liberum arbitrium indifferentiæ*.

Reid acceita e discute sua existencia.

«Motivos não são nem causas nem agentes; elles suppõem uma causa efficiente, e, sem ella, nada podem produzir...

Um motivo é egualmente incapaz de acção e de paixão, porque não é uma cousa que existe, mas que é concebida; é o que os escólasticos chamavam um ser de razão, *ens rationis*.

Os motivos podem, então, influir sobre a acção, mas elles não agem.»

A contradicção é clara, evidente.

Ao passo que diz que os motivos *não existem nem podem ser causas*, conclúe que podem *influir* sobre nossas acções.

E' visivel a nullidade do raciocinio; a these é absurda. A liberdade de indifferença é uma illusão.

Reconhecendo a falsidade da posição, a maioria classica sustenta que a vontade não é determinada pelos motivos.

«Guiado pelas luzes da razão, o homem pode dirigir sua vontade para este ou para aquelle acto, tendo plena liberdade de escolha». (Filinto Bastos).

Adeante, descreve o mesmo: «Ora, os motivos actuam sobre a vontade; esta, ponderando-os á luz da consciencia, calculando-lhes a importancia, despreza-os ou acceita-os; depois desse labutar psychologico, é que o homem externa a sua resolução, dirigindo-se para este ou para aquelle lado».

Os motivos actúam sobre a vontade, que os escolhe pela importancia que têm.

Ora, ahi está a importancia do motivo determinando a escolha da vontade. Está ahi um livre arbitrio que deseja evidentemente uma certa conciliação com o determinismo. E' o indeterminismo relativo, como dizem.

E' uma especie de *mãe de S. Pedro*.

Logico é o livre arbitrio ou o determinismo. «O meio termo, diz Ferri, é um contrasenso.»

Conciliação similhante, pretendeu fazer Fouillée.

Este philosopho buscou synthetizar todos os systemas, para a formação de uma unidade superior. Dominado,

como Kant, pela idéa do dever e da moral, procurou um meio termo salvador.

Embora determinista, não queria vêr destruidos, o dever, o merito, a responsabilidade. Foi essa mesma preoccupação que arruinou a doutrina kantista. Despreza os *numénos* e crêa a *idéa força*, sustentaculo de sua philosophia.

A illusão da liberdade será esta idéa, cujo poder julga incontestavel. Ella é a base da moral, porque «a moral mais elevada. . . é a moral da liberdade.»

«O homem não é livre, torna-se livre.»

Fouillée esquece que, admittindo a hypothese da *idéa-força*, cae no determinismo absoluto. A razão é que a *idéa-força*, effeito de uma illusão, se torna causa determinante. Discordo de Fouillée, quando elle diz que a idéa da liberdade faz o homem *livre de querer*. Eu a julgo um motivo, e nada mais.

Diz elle:

1.º Livres ou não, tendemos á liberdade, á independencia absoluta de que temos a idéa.

2.º Esta tendencia, segundo as proprias leis do determinismo, deve dar-nos um certo poder proporcional, parece, á sua intensidade.

3.º Não tardamos em reconhecer a efficacia pratica desta tendencia, e até, em grande numero de casos, não percebemos limite determinado e preciso á extensão do nosso

poder: resulta dahi uma confiança, em nós mesmos, que vae augmentando.»

E' incontestavel a força desta illusão, não como geradora da liberdade, mas um motivo que determina.

Fouillée dá um exemplo do poder da *idéa de liberdade.*

« Supponhamos que eu seja dominado por uma colera violenta. Se estiver persuadido da minha impotencia ante a minha paixão, não pensarei nesta força, e minha colera, claro é, seguirá fatalmente seu curso. Eis, porem, que uma idéa, trazida pelas leis de associação ou do habito, toma um poder novo em meu espirito, e, de confusa que era, torna-se distincta: é a idéa (subjectiva ou não) de uma resistencia possivel á minha colera, de um imperio que eu creio *poder* exercer e minha razão, além disso, julga racional e *bom* exercer.»

E' porque seja livre? Não é claro que a idéa do prejuizo é o motivo que inhibe a colera?

A *idéa-força* tem valor como simples *motivo.*

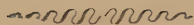
A educação é uma poderosa *idéa-força*; ella ensina o homem a se habituar «ás circumstancias, ás ordens, ás instrucções recebidas, a toda esta pressão mais ou menos nitida, mais ou menos explicita e precisa que envolve interiormente o individuo.»

Melhor do que a *idéa-força*, seria o *sentimento-força.* Ha sentimentos (como a honra o pudor, a probidade), que são verdadeiros motivos de determinação.

Estão longe, porem, de influir sobre todos os caractéres.

Nestes é que está a *verdadeira força.*

Assim é que, ponderadas todas estas considerações, eu, convicto, conclúo:

O homem não é livre.

Considerando...

> Homem!
> Pela verdade, intrepido e sereno,
> Emborca a taça do veneno!
> Pela verdade inteira.
> Dá teo corpo ao baraço, ao cutelo, e á fogueira!
>
> GUERRA JUNQUEIRO.

Homem! És o escravo de tua propria natureza. És dominado pelo meio em que vives.

Debalde procuras uma origem divina, soberbo animal, que a intelligencia eleva!

Em vão, buscas o céu; elle será uma miragem eterna.

Debalde queres ser divino, pois que to impede a simiana origem!

Sentes, no intimo, a amargura intensa de tão grande verdade? Tanto peor para o teu orgulho.

Que te vale a revolta continua, se estás preso á cadeia da vida, á linha multi-millenaria dos teus antepassados?

Envergonhas-te? Que te faz isto? Porque não descobres um *divino* ascendente na tua genealogia?

Ah! eu te comprehendo; preferias ser um habitante do *paraiso*, e melhor te é ser o eterno condemnado, trazendo na fronte o sello terrivel do eterno peccado.

Não vês que a nau da verdade singra o mar encapellado do mysterio, levando, no tôpo do mastro, o rutilante pharol da esperança, e deixando, após, a branca espuma de illusões desfeitas?

Não ouves o martellar infrene da sciencia, destruindo as fornalhas do inferno? Impressiona-te, ainda, o calor das chammas do inferno?

Ignoras que a luz da psychiatria deslumbrou *Satanaz*, encerrando-o no asylo?

Não tens visto que se foram os milagres, que as visões celestes abandonaram o mundo?

Chegou ao teu conhecimento o desabar de falsas crenças, espancadas pelo latego luminoso da sciencia?

Oh! tu bem o sabes. Finges não o saber.

Terminando...

Vós, que trazeis o ouvido acariciado pelo tinir das taças e pela harmonia da vida, volvei os olhos, num relance de misericordia, ao tremedal, onde se debatem os infelizes da sorte.

Animaes felizes, attentae na miseria dos desherdados, que vivem em tetricos abysmos, sem um raio de luz que lhes illumine a escuridão tristissima das longas horas.

Considerae o futuro; o dia de amanhã é um mysterio. Bem podeis rolar do cimo luminoso da vossa grandeza á valla commum da miseria terrivel.

Vêde que ali, na *Correcção*, vivem homens que, embora criminosos, têm direito ao ar, têm direito á luz.

Sêde misericordiosos para quem tira um pão, pois que prestaes honras ao que rouba um povo.

« Faminto, nú, sem mãe, sem leito,
Roubei um pão.
Quem vae além de farda e de gran-cruz ao peito?
— Um ladrão! »

Uns, impellidos pela fome, que as entranhas devora, praticaram um furto.

Aquelles, no delirio do alcool, que as *maguas espanta*, commetteram um assassinio.

«Alcool! veneno que conforta,
Monstro satanico e sublime!
Beber! beber... e a magna é morta!...
Quem é que espreita á nossa porta?
— O crime! »

Outros ainda, degenerados e epilepticos, foram arremessados á estrada da deshonra e do vicio pela força irresistivel de morbidas tendencias.

Porque lhes dais uma prisão infecta, sem ar, sem luz, onde mal chega o alimento que lhes vae de esmola!?

Se quereis dormir socegados, na doce paz do lar confortavel, collocae-os em lugares sadios que não sejam

«.....estufa tenebrosa
Onde esbraceja, nocturnal,
A verde, a negra, a sanguinosa
Flora epileptica do mal...»

Tirae-os desses antros de morte e loucura, onde

«................ ....
A Lei, violando a natureza
Da unha adunca extrahe a garra,
Da mão sinistra faz a preza.»

Tirae-os dali, onde se não corrigem, mas se envenenam com a impureza do ar e a insufficiencia de luz.

Ou então sêde mais francos: ateae a fogueira nas ruas, ou armae o espectro horripillante da guilhotina nas praças publicas.

E' mais simples, e mais *barato*.

PROPOSIÇÕES

Tres sobre cada uma das cadeiras do curso de sciencias medicas e cirurgicas

PROPOSIÇÕES

ANATOMIA DESCRIPTIVA

I

O cerebro é um apparelho volumoso, envolvido por tres membranas.

II

A forma ovoide do cerebro varia naturalmente com a cavidade craniana que o contem. A anatomia comparada fornece a prova manifesta do desinvolvimento [gradual de seus caractéres anatomicos, através de toda a serie animal, até o homem.

III

O cerebro do homem civilizado é mais denso e compacto. O seu volume está na razão da cultura intellectual de uma raça.

ANATOMIA MEDICO-CIRURGICA

I

A bacia é uma cavidade visceral, onde se alojam o apparelho da defecação e uma importante parte do apparelho uro-genital.

II

A bacia em anatomia topographica é menos extensa que em anatomia descriptiva.

III

Ella tem consideravel importancia para a cururgia clinica e operatoria.

HISTOLOGIA

I

O neuronio é formado por um corpo cellular e prolongamentos.

II

O corpo cellular é uma massa protoplasmica, sem envolucro, com um nucleo arredondado, claro, contendo frequentemente um nucléolo.

III

Os prolongamentos são distinctos: *cellulipetos* e *cellulifugos*.

BACTERIOLOGIA

I

O *meningococco intra cellular* de Weichselbaum pode existir nas fossas nasaes de individuos sãos. Quando virulento, penetra até as meninges através do ethmoide.

II

São variaveis as suas dimensões.

III

Seus caractéres de cultura similham os do pneumococco.

ANATOMIA E PHYSIOLOGIA PATHOLOGICAS

I

Thrombose é a obstrucção completa ou incompleta de um vaso. O coagulo obturador chama-se *thrombo.*

II

Ha duas variedades de *thrombo:* vermelho e branco. O primeiro é um coagulo sanguineo; o segundo é constituido por globulos brancos e não tem fibrina.

III

A prova da ausencia de fibrina é que a agua açucarada e o sulfato de soda, que retardam sua precipitação, não impedem a formação do *thrombo.*

PHYSIOLOGIA

I

A cellula, para viver, assimila e desassimila.

II

A vida resulta da troca entre o sêr e o meio. A instabilidade é a vida.

III

A estabilidade é a morte.

THERAPEUTICA

I

A hyoscyamina é um alcaloide isomero da atropina; desdobra-se, sob a acção dos alcalis, em: hyoscina e acido hyoscinico.

II

Acalma as dôres e contracções musculares.

III

Dilata a pupilla.

HYGIENE

I

A zoonose, que se chama vaccina, é o maior recurso prophylatico contra a variola.

II

A innoculação, no homem, do humor virulento, retirado das pustulas de um animal doente, produz a preservação contra a variola.

III

A vaccinação não dá lugar á variola, senão quando esta, no momento da operação, já se acha incubada.

MEDICINA LEGAL E TOXICOLOGIA

I

O segredo profissional é um dever imposto ao medico.

II

Deve ser inviolavel.

III

Somente casos especialissimos poderiam abrir uma excepção.

PATHOLOGIA CIRURGICA

I

Denomina-se *mal* de Pott a tuberculose da columna vertebral. A região dorsal é mais frequentemente interessada.

II

Os corpos das vertebras, attingidos de amollecimento, não sustêm o peso do tronco.

III

Dahi a curvatura da columna, resultado da saliencia das apophyras espinhosas.

OPERAÇÕES E APPARELHOS

I

A cystotomia é uma operação, cujo fim é abrir uma via para a penetração na bexiga.

II

A cystotomia pode ser hypogastrica e perineal.

III

Tambem se pode praticar, no homem, a cystotomia recto-vesical; na mulher, a cystotomia vagino-vesical.

CLINICA CIRURGICA (1.ª CADEIRA)

I

O *tumor branco* apparece ordinariamente nos individuos lymphaticos, já tendo apresentado manifestações escrofulosas. Embora se encontre em todas as idades, è incontestavel sua frequencia nas creanças.

II

Geralmente o tratamento exige a resecção.

III

Casos ha, em que o unico recurso é a amputação.

CLINICA CIRURGICA (2.ª CADEIRA)

I

Ulcera é uma solução de continuidade das partes molles, com perda de substancia.

II

A ferida differe da ulcera; esta resulta de causa inherente ao organismo; aquella é effeito de causa exterior.

III

A ferida é curavel; a ulcera tende geralmente a se perpetuar.

PATHOLOGIA MEDICA

I

O impaludismo é uma molestia infecciosa, produzida pelo hematozoario de Laveran, reinando endemicamente nos lugares pantanosos.

II

O hematozoario, causa da molestia, que se traduz clinicamente por accessos febris, fica no baço, donde sae, em um dado momento, para provocar novas manifestações.

III

A quinina constitue o medicamento especifico.

CLINICA PROPEDEUTICA

I

O phonendoscopio é um instrumento que serve para recolher e transmittir á orelha as vibrações provocadas pelo dedo no orgão que se deseja explorar.

II

As vibrações recolhidas são ampliadas pelo apparelho, e bem apreciadas pelo observador.

III

Graças a essa sensibilidade, o phonendoscopio serve para limitar os orgãos, embora profundamente situados. Basta que tenham ponto de contacto na parede em que se applica o instrumento.

CLINICA MEDICA (1.ª CADEIRA)

I

Denomina-se ordinariamente uremia, o conjuncto de alterações que resultam da insufficiencia das funcções venaes.

II

As principaes formas, que ella reveste, são: cerebral, respiratoria ou dyspineica e gastro-intestinal.

III

A forma cerebral é a mais grave.

CLINICA MEDICA (2.ª CADEIRA)

I

A variola é uma molestia geral, contagiosa e epidemica, caracterizada por uma erupção de papulo-vesiculas que geralmente se transformam em pustulas.

II

A *variola hemorragica* é a forma considerada mais grave.

III

O tratamento da molestia é essencialmente symptomatico.

MATERIA MEDICA, PHARMACOLOGIA E ARTE DE FORMULAR

I

As incompatibilidades podem ser: chimicas, physicas, physiologicas e therapeuticas.

II

A incompatibilidade pathogenica é determinada pelo antagonismo dos effeitos physiologicos de dous medica-

mentos: o opio é antagonista da belladona, pois que faz cessar o delirio que ella provoca.

III

A incompatibilidade therapeutica não é consequencia necessaria do antagonismo physiologico: o opio, que faz cessar o delirio produzido pela belladona, não neutraliza sua acção calmante.

HISTORIA NATURAL MEDICA

I

O homem, considerado zoologicamente, é um mammifero da ordem dos primatas.

II

Seu corpo tem uma conformação similhante a do macaco.

III

As differenças de grandeza e de forma, entre elle e o macaco anthropoide, não são maiores que as observadas na comparação de certas raças humanas.

CHIMICA MEDICA

I

Um sêr vivo é constituido por grande numero de compostos chimicos.

II

Estes se manifestam constantemente por caractéres physiologicos.

III

Destes dependem os phenomenos vitaes.

OBSTETRICIA

I

A ruptura do utero é um accidente da gravidez.

II

Pode ser effeito de lesões das parêdes do orgão ou de violencias exteriores.

III

O prognostico é grave.

CLINICA OBSTETRICA E GYNECOLOGICA

I

A febre puerperal é resultado de uma infecção.

II

O tratamento curativo consiste na evacuação do utero e em grandes lavagens antisepticas.

III

O tratamento prophylatico é: empregar todos os meios antisepticos, *antes*, *durante* e *depois* do parto.

CLINICA PEDIATRICA

I

O cephalematoma é um tumor circumscrito, indolente e fluctuante, observado algumas vezes nos recem-nascidos.

E' devido ao derramamento de sangue entre o craneo e pericraneo.

II

Seu sitio preferido é o parietal.

III

Ordinariamente termina pela cura, por effeito da re-absorpção.

CLINICA OPHTALMOLOGICA

I

O glaucoma é uma molestia que se caracteriza frequentemente pela côr esverdeada que apresenta a pupilla.

II

Consiste esta molestia num augmento de tensão intra-ocular, por effeito da grande abundancia de liquido ou da obliteração das vias de filtração.

III

O seu tratamento é essencialmente cirurgico: a *iri dectomia*.

CLINICA DERMATOLOGICA E SYPHILIGRAPHICA

I

A iris é a parte do orgão da visão mais atacada pela syphilis

II

A irite syphilitica apparece frequentemente no periodo secundario.

III

O seu diagnostico não depende sempre do exame do olho.

CLINICA PSYCHIATRICA E DE MOLESTIAS NERVOSAS

I

A molestia de Parkinson manifesta-se ordinariamente na edade adulta, e começa insidiosamente.

II

Os symptomas caracteristicos são: tremor, marcha difficil, e rigidez muscular (Charcot) que determina um *facies* particular.

III

Quando os symptomas se aggravam, resultam emmagrecimento, perda de forças, paralysia que se generaliza, delirio e morte.

Visto.

Secretaria da Faculdade de Medicina da Bahia em 31 *de Outubro de* 1908.

O SECRETARIO,
Dr. Menandro dos Reis Meirelles.

Errata

LINHA	PAG.		ONDE		LEIA-SE
6	1	—	viagm	—	viagem
4	2	—	authropocenttico	—	anthropocentrico
9	2	—	ceo............	—	céu
2	3	—	contrariamente..	—	contrariamente.
11	3	—	ceo............	—	céu
14	3	—	Phaniasiam.....	—	Phantasiavam
17	3	—	panheismo......	—	pantheismo
11	4	—	ceos............	—	céus
21	5	—	ceo............	—	céu
3	6	—	francez........	—	francês
16	9	—	pratical-os.........	—	pratica-los
2	13	—	Pontico.........	—	Portico
15	18	—	o poder.........	—	ao poder
10	19	—	á uma..........	—	a uma
16	20	—	á causas........	—	a causas
16	24	—	scientistos	—	scientistas
20	24	—	tadas..........	—	todas
19	25	—	infallibidade....	—	infallibilidade
25	25	—	concluir-se-a....	—	concluir-se-á
22	28	—	extructura......	—	estructura
8	31	—	consituintes	—	constituintes
18	33	—	Meus...........	—	Mens
16	33	—	cospusculo......	—	corpusculo
21	34	—	revesti.........	—	reverti
8	35	—	le tont.........	—	le tout
26	36	—	Warme..........	—	Wärme
18	37	—	coucludentes....	—	concludentes
7	37	—	de attrito.......	—	do attrito
7	37	—	transforma-se....	—	se transforma
12	40	—	paóductos........	—	productos
25	40	—	inponderavel.....	—	imponderavel
21	41	—	isto é...........	—	isto é,
10	42	—	verifical-os......	—	verifica-las
21	42	—	crê.............	—	crêa
16	46	—	on..............	—	ou
22	46	—	momentos......	—	movimentos
7	49	—	quasi...........	—	quase
3	54	—	pode, ter.......	—	pode ter
17	54	—	especia.........	—	especie
7	54	—	estatisca.........	—	estatica
17	57	—	corlical.........	—	cortical
25	58	—	indiuido.........	—	individuo
7	60	—	rolitiva..........	—	volitiva
4	63	—	absoleto..........	—	obsoleto